

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA –
PROEAD.**

PEDAGOGIA – PARFOR / CAPES / UEPB.

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO DO CAMPO

**EDUCAÇÃO NO CAMPO: Estudo de caso sobre Escola
Municipal de Ensino Fundamental Arlindo
Ramalho/Bananeira-PB**

MARCELO RIBEIRO LIMA DOS SANTOS

MARCELO RIBEIRO LIMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO NO CAMPO: Estudo de caso sobre Escola
Municipal de Ensino Fundamental Arlindo
Ramalho/Bananeira-PB**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia - PARFOR da
Universidade Estadual da Paraíba, em Convênio
com o Ministério da Educação, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau de Licenciada
em Pedagogia. Sob orientação do Prof. Dr.
Belarmino Mariano Neto.**

**Guarabira – PB
2015**

S237e

Santos, Marcelo Ribeiro Lima dos

Educação no campo: Estudo de caso sobre Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Ramalho/Bananeira-PB / Marcelo Ribeiro Lima dos Santos. – Guarabira: UEPB, 2015.

38 p.

Monografia (Graduação em Pedagogia - PARFOR) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto.”


1. Educação no Campo. 2. Escola 3. Educação Infantil.I.Título.

22.ed. CDD 371.01

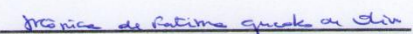
MARCELO RIBEIRO LIMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO NO CAMPO: Estudo de caso sobre Escola
Municipal de Ensino Fundamental Arlindo
Ramalho/Bananeira-PB**

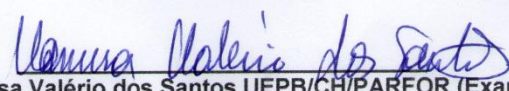
Aprovada em 08/08/2015



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto - UEPB/CH/PARFOR (Orientador)
Prof. Dr. Em Sociologia pela UFPB



Profa. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira – UEPB/CH/PARFOR
(Examinadora)
Mestre em Educação pela UFPB



Profª. Ms. Vanusa Valério dos Santos UEPB/CH/PARFOR (Examinadora)
Mestre em Educação

GUARABIRA – PB
2015

Dedico este trabalho a Deus, Luís Bemvindo e Josefa Ribeiro, Marineide Ribeiro e Cristiane Lima. Mãe, pai, esposa irmã, as quais me deram toda coragem, a todos que de alguma forma contribuíram para minha formação.



“Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” – [Paulo Freire](#)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Turma multisseriada do 2º e 3º ano, apresentando um trabalho de língua portuguesa.....	24
Figura 02 – Turma multisseriada do 2º e 3º ano, em atividade de grupo.....	25
Figura 03 – Turmas multisseriadas do turno tarde em ensaio de quadrilha junina.....	26
Figura 04 – Projeto “feirinha da leitura”	27
Figura 05 – Livro Didático adotado em 2015.....	28
Figura 06 – Livro Didático adotado em 2012.....	29
Figura 07 – Livro Didático de Língua Portuguesa adotado em 2012.....	29

LISTA DE QUADROS

Quadro – 01 - Entrevista com professor Jailson Nunes, 2015.....	31
Quadro - 02 – Entrevista com a Professora Cristina Monteiro 2015.....	32

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

LDB – Lei das Diretrizes e Bases.

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais.

PEDAGOGIA – PARFOR

EDUCAÇÃO NO CAMPO: Estudo de caso sobre Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Ramalho/Bananeira-PB

Autor: Marcelo Ribeiro de Lima dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto – UEPB/CH/PAFOR

Examinadores: Profa. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira – UEPB/CH/PAFOR

: Profa. Ms. Vanusa Valério dos Santos – UEPB/CH/PAFOR

RESUMO

Este trabalho buscou analisar EDUCAÇÃO NO CAMPO, a partir de estudo de caso sobre Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Ramalho/Bananeira-PB. Esta escolha se deu em função de quase uma década em que o pesquisador mora e trabalha, se dedicando ao processo de ensino aprendizagem para crianças filhas de agricultores da comunidade conhecida como Roma de Baixo, povoado que faz parte do Distrito de Roma, localizado a nove quilômetros da Sede da cidade de Bananeiras. Na pesquisa foi preciso identificar as condições estruturais da escola; observar o desenvolvimento das atividades pedagógicas do cotidiano escolar; estudar as condições de vida dos estudantes como filhos de camponeses e/ou trabalhadores rurais; diagnosticar o processo de ensino aprendizagem, considerando que a escola desenvolve um sistema de ensino multiseriado para as turmas que são do ensino infantil ao quinto ano. Como base teórica além de autores dedicados a educação, como: Pimenta (2010), Lima (2010), Freire (2011), Cunha (2012), Teles (2012), Kramer (2012); também foram utilizados autores como: Fernandes (2000 a e b), Antônio e Lucino (2004), Souza (2006 e 2007), Silva (2000), Nascimento (2002), Vendramini (2004), Ribeiro (2007) e Coelho (1996) dentre outros. A metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa, com observação participante e estudo empírico, por se tratar de uma investigação na qual, o autor esteve diretamente envolvido como professor da escola há mais de oito anos. O estudo comprova que existem grandes dificuldades em se trabalhar com turmas multiseriadas em um contexto escolar da zona rural, pois as diferentes faixas de idade e os níveis de aprendizagem atrapalham o desempenho geral dos indivíduos.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado; Educação Infantil e Escola.

PEDAGOGY – PARFOR

FIELD EDUCATION: Estudo de caso sobre Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Ramalho/Bananeira-PB

Author: Marcelo Ribeiro de Lima dos Santos

Advisor: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto – UEPB/CH/PAFOR

Examiner: Profa. Ms. Mônica de Fática Guedes de Oliveira – UEPB/CH/PAFOR

: Profa. Ms. Vanusa Valerio dos Santos – UEPB/CH/PAFOR

ABSTRACT

This work sought to analyze FIELD EDUCATION, starting with the case study of the Elementary School Arlindo Ramalho/Bananeira-PB. This choice came out of the fact that the researcher lived and worked for about a decade, dedicating himself to the learning process to the kids of farmers from the community of Roma de Baixo, town that makes part of the district of Roma, localized 9 kilometers from the Bananeira's city head office. In the research it was needed to identify the structural conditions of the school; observe the development of the pedagogic activities on the school daily live; study the living conditions of the students that are children of the peasants and/or farmers; diagnose the teaching process, considering develops a multigrade system to the elementary school students. As theoretic basis besides authors dedicated to education, like: Piaget (2010), Pimenta (2010), Lima (2010), Freire (2011), Cunha (2012), Teles (2012), Kramer (2012); were also used authors like: Fernandes (2000 a e b), Antônio e Lucino (2004), Souza (2006 e 2007), Silva (2000), Nascimento (2002), Vendramini (2004), Ribeiro (2007) e Coelho (1996) and others. The methodology consisted in a qualitative research, with participative observation and empiric study, for being an investigation which, the author has been directly involved for more than 8 years. The study proves that great difficulties exist in working with multigrade classes in the context of a rural zone, because the different age groups and the learning levels disturb the general performance of the subjects.

Keywords: Supervised Traineeship; Childhood education and School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2REFERENCIAL TEÓRICOE METODOLÓGICO.....	14
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO.....	14
2.2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	20
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	22
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO.....	22
3.2 ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ARLINDO RAMALHO.....	23
3.3 ENTRE OS LIVROS DIDÁTICOS ADOTADOS E OS PROFESSORES.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Este estudo buscou analisar a educação infantil e fundamental do campo, a partir do estudo de caso sobre a Escola Municipal Arlindo Ramalho, localizada na zona rural identificado como povoado Roma de Baixo, no Distrito de Roma, do município de Bananeiras/PB, da qual o pesquisador já trabalha a mais de oito (08) anos. O envolvimento com a escola foi fundamental para a escolha temática e do objeto, pois o professor tanto é oriundo da zona rural, quanto a sua dedicação ao ensino-aprendizagem em todas as turmas e séries dessa unidade escolar.

Este estudo é requisito obrigatório para a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia, dentro do programa de formação de professores da educação básica da Universidade Estadual da Paraíba, através do convênio da UEPB, com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), identificado pelo Plano de Formação Continuada para Professores da Educação Básica (PARFOR).

Como um estudo de caso voltado para a escola do campo, vale levantar aqui os primeiros problemas que nortearam o interesse por este estudo: Até que ponto, se pode identificar em um estudo de caso, as reais concepções e fundamentos para a educação do campo? Até que ponto as turmas multiseriadas apresentam resultados satisfatórios dentro do processo de ensino-aprendizagem? Estarão os professores preparados para lecionar em escolas de educação no campo, uma vez que existem novos desafios tecnológicos para a educação?

O estudo foi fundamental, pois talvez seja a primeira pesquisa sobre a escola, então foram delineadas através da leitura, observações da escola, sala de aula, professores, vivências, além de um diagnóstico rápido com os próprios alunos, sobre a origem e o desenvolvimento da escola, considerando tanto a sua estrutura, quanto o seu corpo docente e técnico. Vale ressaltar que esta escola, já está em funcionamento a mais de 20 anos e muitos estudantes da atualidade são filhos e filhas de trabalhadores camponeses que em algum momento de suas vidas, também estudaram na escola.

A investigação se colocou como sendo de caráter qualitativo, com pesquisa empírica e observação participante (Becker, 1999), considerando técnicas de registro de imagens fotográficas, anotações em diário de campo, entrevistas semiestruturadas com o corpo técnico-administrativo, docente, discente e os pais e/ou responsáveis por

parcela dos estudantes. Como se refere a um estudo de caso se procedeu com a coleta de dados, observações docotidiano dos estudantes, e registro da estrutura da escola, alguns exemplos de como se configurou o trabalho.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos, tendo como capítulo inicial, a introdução em que se apresentam as bases e referenciais iniciais ao estudo, como objeto da pesquisa, problemática, objetivos e noções iniciais do método.

O capítulo dois tratou dos pressupostos teóricos e metodológicos, considerando-se tanto os autores da pedagogia, enquanto clássicos que discutem o processo de ensino aprendizagem. Na sequencia foram apresentados os autores que tratam teórica e conceitualmente sobre o processo de educação do campo, como referenciais básicos para o aprofundamento desse estudo. Também foram tratadas as abordagens metodológicas que orientaram os caminhos da pesquisa.

Levou-se em conta a experiência direta do pesquisador com o ambiente escolar, principalmente na educação infantil, por lecionar a 06 anos na escola. Essa prática permitiu o trabalho de observação participante, uma das mais importantes técnicas de pesquisa, por permitir ao pesquisador interferir diretamente na realidade estudada, ao longo de anos em relação à educação do campo.

No capítulo três, mostrou-se um aprofundamento sobre os resultados e discussões, considerando-se tanto as condições da escola, quanto o período de experiência dos professores com essa etapa da educação infantil. Nesse capítulo foram expostos os materiais didáticos, além de algumas atividades ilustrativas que serviram de exemplo para o estudo.

O último capítulo denominou-se considerações finais, considerou-se a ligação entre teoria e prática que serviu de embasamento para a conclusão do mesmo, destacando a importância da observação e as vivências em sala de aula, baseado na pesquisa empírica e qualitativa, a partir do estudo de caso.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Este capítulo se estruturou em duas partes, sendo uma sobre a contextualização teórica acerca da Educação do campo, tanto a luz de autores referendados pelo campo de investigações da Pedagogia, além de autores que tratam sobre a questão da educação no campo.

A segunda parte tratou da maneira como foi feita a pesquisa enquanto metodologia adotada, tanto na perspectiva teórica, quanto nas abordagens práticas. A práxis do pesquisador, enquanto participante direto do objeto pesquisado. Então, o trabalho, tanto se referencia em bibliografias testadas sobre a linha de pesquisa, quanto do estudo qualitativo, pautado pelo empirismo.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO

Este subcapítulo apresenta como base conceitual inicial a ideia de Educação do Campo, a partir de dados do Conselho Nacional de Educação (CNE) e Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo, através do MEC (2001),

A educação do campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações de sociedade humana (BRASIL, 2001, p.1).

Entre as muitas visões sobre a escola, em linhas gerais Teles (2012, p. 102) afirma que a escola enquanto instituição social “traz para dentro de si, os conflitos e a dialética do próprio sistema”. A escola procura transmitir as crianças, os valores a cultura, e o saber acumulado pelas gerações, educando de certa forma, os novos membros da sociedade.

Se quisermos pensar a educação do campo pedagogicamente, temos que Piaget, (1934), pois o autor considera a educação como uma importante chave para a salvação da sociedade em seu processo de civilização. Na zona urbana isso já é facilmente percebido, mas nas escolas do campo, ainda temos que construir essa história, pois a educação no campo ainda é muito discriminada.

Também optamos em realizar o estágio supervisionado na escola do campo, para que o desenvolvimento da pesquisa contribuísse mais diretamente com o tema. Nesse sentido escolhemos Pimenta e Lima (2010, p. 100), enquanto referenciais teóricos, pois eles afirmam que “[...] o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, [...], mas é possível trabalharem questões básicas de alicerce”. Essa escolha nos ajudou a fundamentar o estudo.

Kramer (2012) compreende que a infância é a fase onde a criança começa a se socializar com o mundo, é um momento de descobertas sobre sua identidade. Segundo Kramer (2012, p. 197), “no entanto é preciso considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos [...]”. Será que as crianças que vivem na zona rural, também conseguem perceber que existem diferenças nessa sua construção identitárias?

Aqui se faz um parêntese para dizer que existem diferentes situações da infância, quando considerados os lugares em que as mesmas vivem, como no caso estudado, pois se trata de crianças que vivem na zona rural de um pequeno município do interior nordestino do Brasil. Considerando-se então que a ordem capitalista também interfere nestes lugares aparentemente isolados de grandes centros urbanos e industriais.

Em nossas argumentações teóricas Freire (2011) se encaixa muito bem com relação ao que estamos discutindo nesse momento, pois o mesmo considera o professor como essencial nesse processo histórico de construção da realidade:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transmitir conhecimento – não apenas precisa ser apreendida por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica –, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 2011, p. 47).

É a vivência dos professores e seus educandos fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem. A formação do educador é crucial nesse processo tão importante que é o momento de relacionar teoria e prática no contexto escolar, mesmo considerando que não sejam simples, pois o sistema de ensino gera uma série de emaranhados e contradições e quando nos voltamos para a educação no campo, parece que a complexidade aumenta ainda mais.

Freire (2011) alerta claramente para situações como esta. Ou seja, o autor compreende que o espaço de ensinar e aprender enquanto um caminhar em mão dupla. Leva-se em consideração a vida dos atores sociais envolvidos com esse processo. Leva em consideração a ontologia do ser, o mundo ao qual estão inseridas suas práticas políticas e suas visões sociais também deve ser considerado. Imaginem um professor de educação do campo que não possua identidade com esse espaço de educação diferenciado por excelência.

O educador do campo deve trabalhar no aluno a capacidade de se manter em sociedade com dignidade e como um ser social respeitado, capaz de conseguir sua independência em todos os aspectos da vida. Esse professor do campo deve se empenhar na vida do seu educando de tal forma, que ele seja capaz de ajudar até na vida de sua família, dando apoio na educação dos seus pequeninos e levando soluções para ajudar no cotidiano da família. Segundo Fernandes et al., 2004, aprofunda-se a definição de campo como:

(...) lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar, com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terra. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas (...). (FERNANDES ET AL., 2004, p. 137).

O campo não é só um lugar de vida bom pra se morar por causa da agricultura, mais é por causa da natureza e da boa qualidade de vida e sem falar que, no campo, as pessoas se respeitam bem mais que nas cidades e isso sem sombra de dúvidas, é fundamental na vida das pessoas.

Para que o aluno aprenda, é preciso que várias esferas funcionem bem, como por exemplo: os pais, o poder público, os tipos de amizades que eles criam durante sua vida e os professores, mais independente de qualquer coisa, as crianças tem que ser tratadas bem, ate porque, a criança de hoje já não tem a qualidade de vida de

antigamente (três quatro décadas antes) e em especial, as crianças do campo essas sofrem mais ainda com tudo o que já foi citado anteriormente.

Quando um educador vem para sala de aula, ele deve estar preparado, pois a clientela na maioria dos casos é bem diversificada, muitas vezes com uma forte distorção de idade e série. Crianças que estão começando a estudar a vogais, na mesma sala de crianças que já sabem ler e quando não é em turmas multisseriadas, é na mesma série.

Um método muito bom de trabalhar com as crianças do campo, é explorando as brincadeiras que eles sabem e mostrando outras que talvez eles não conheçam, aumentando assim o currículo deles no quesito brincadeira e buscando sempre ensinar para eles com o auxílio do lúdico, dessa forma, despertará bem mais a atenção e o interesse deles para aprende aquele conteúdo repassado pelo professor. Segundo Kramer (2007),

As brincadeiras infantis no campo estão frequentemente ligadas as coisas da natureza, com as quais elaboram uma série de conhecimentos, aprendem a distinguir uma infinidade de plantas, árvores, pequenos insetos e animais. Sua orientação espacial é desenvolvida a partir de referenciais próprios, imperceptíveis ou indistinguíveis a um observador da cidade. Esta característica do brincar, inclusive, não se restringe às crianças do campo, ao contrário, "reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira estendida como experiência de cultura" (KRAMER, 2007, p. 15).

Para se ter um resultado esperado na questão da aprendizagem com a ludicidade, é bem oportuno, fazer uma breve pesquisa entre os próprios alunos da escola em questão, uma vez que esta pesquisa, irá fornecer dados para que o professor possa elaborar seu plano, tomando por base as condições de cada aluno, se tem aluno com deficiência na sala, se tem alguma brincadeira que eles mais gostam, se a maioria das crianças costumam fazer esse tipo de atividade e daí por diante. Então o ideal para se realizar este tipo de atividade, é planejar.

Na escola Municipal Arlindo Ramalho, localizada no município de Bananeiras, as crianças em sua grande maioria, aprecia bastante o brincar, especialmente na hora do intervalo, pois para eles, este momento é importantíssimo e eles aproveitam o máximo que podem para se divertir com os coleguinhas. É na frente da escola que eles costumam trazer seus momentos de alegria e prazer, no movimento dos braços e das

pernas e com fortes gritos de comandos, é que eles gastam suas energias correndo e brincando para um lado e para outro, parecendo até, que eles não se cansam.

As brincadeiras que eles mais gostam são: amarelinha, pega bandeira, queimada, a brincadeira do toca e as crianças menores brincam de cantigas de roda, de músicas, e outras mais. Analisando livros didáticos do Programa de Educação na Idade Certa (PNAIC) segundo FREITAS (1995),

A ação de planejar requer, quase que automaticamente, que pensemos em objetivos: Planejamos para quê? Quais as metas que, ao longo de um per-curso (etimologia da palavra "currículo") imaginado, pretendemos alcançar? Na unidade 1, defendemos a ideia de que as lógicas e valores que estruturam o cotidiano escolar são constitutivos das identidades dos sujeitos, exatamente por delinear os cursos de suas trajetórias como indivíduos e coletivos. Examinamos então, como forma de **construindo o mundo que se quer realizar**, a necessidade de articularmos os processos escolares aos processos formativos fora da escola. No caso da educação do campo, as experiências dos sujeitos em suas diversas matrizes são o ponto de partida para o planejamento da ação didática. Há, portanto, uma estreita relação entre os objetivos delineados e o ambiente (escolar e extraescolar) que acolhe os passos planejados para a consecução desses mesmos objetivos. Tais passos podem ser entendidos como a metodologia utilizada, de maneira que esta articula, como dimensão de ação educativa, o cotidiano (ambiente) escolar e os objetivos planejados. Ora, se a educação do campo tem se caracterizado por uma (tentativa de) forte relação entre escola e comunidade, que traz para o interior da primeira a "materialidade da vida" (FREITAS/PNAIC, 1995, p.10).

Educar uma criança do meio rural é uma tarefa difícil e de muita paciência para qualquer educador que topa o desafio, pois ele terá uma "luta" constante com o aluno em sala de aula tentando educar a criança tanto nas partes que dizem respeito aos conteúdos pedagógicos que a escola tem que ensinar, quanto na formação daquela pessoa para o convívio no mundo em que ela vive e outra "luta" maior ainda com a família, pois em muitos casos, é o professor ensinando na escola e os pais desfazendo em casa tudo que aquele menino ou aquela menina aprendeu na escola.

Outro problema enfrentado nas escolas do campo é a questão da higiene pessoal das crianças, que os pais ou responsáveis por elas, não dão o devido cuidado que elas precisam e elas acabam se prejudicando muito com tudo isso, chegando à escola com fortes odores e em muitos apresentam sintomas de doenças comuns, pois as mesmas reclamam de dores de barriga, pois chegam ao ambiente de ensino com as unhas das mãos e as dos pés muito sujas e grandes, com os cabelos sem serem

penteados, com roupas sujas, as tarefas que o professor passa em sala de aula chegam do mesmo jeito que saiu de sala e é um caos só.

Quando a professora ou o professor pergunta porque ela não fez a tarefa, em alguns casos é diz que é porque teve que trabalhar na roça com o pai ou com a mãe para poder conseguir alguma coisa para sobreviver e quando o motivo é esse ainda é bom, pois em alguns casos, os educandos que passam por esse tipo de situação, não fazem as tarefas porque não querem, uma vez que eles não sentem vontade de fazer, pois não tem nenhum estímulo nas suas casas.

Toda essa realidade enfrentada nas escolas do campo de nosso Brasil é uma forte aliada para o analfabetismo e para as desistências em massa no nosso país. Devido ao pequeno número de alunos matriculados nas escolas do campo, também se forma outro desafio, que são as turmas multisseriadas. Segundo Hage, (2011),

Os professores das escolas ou turmas multisseriadas enfrentam muitas dificuldades para organizar seu trabalho pedagógico em face do isolamento que vivenciam e do pouco preparo para lidar com heterogeneidade de idades, séries e ritmos de aprendizagem, entre outras que se manifestam com muita intensidade nessas escolas ou turmas. Sem uma compreensão mais abrangente desse processo, muitos professores do campo organizam o seu trabalho pedagógico sob a lógica da seriação, desenvolvendo suas atividades educativas referenciadas por uma visão de "ajuntamento" de várias séries ao mesmo tempo, que os obriga a elaborar tantos planos de ensino e estratégias de avaliação da aprendizagem diferenciadas quantas forem as séries com as quais trabalham, envolvendo, em determinadas situações, estudantes da pré-escola e do ensino fundamental concomitantemente. Sob essa lógica, é muito comum presenciarmos na sala de aula de uma escola ou turma multisseriada os docentes conduzirem o ensino a partir da transferência mecânica de conteúdos aos estudantes sob a forma de pequenos trechos- como se fossem retalhos dos conteúdos disciplinares- extraídos dos livros didáticos a que conseguem ter acesso, muitos deles bastante ultrapassados e distantes da realidade do meio rural, repassados por meio da cópia ou da transcrição no quadro, utilizando a fragmentação do espaço escolar com a divisão da turma em grupos, cantos ou fileiras seriadas, como se houvesse várias salas em uma, separadas por "paredes invisíveis" (HAGE, 2011, p.97).

Estes são os elementos chaves na questão educacional do campo, pois para os ativistas dessa atividade docente, resta buscar a capacitação constante e a sensibilidade para compreender que de fato existem nítidas diferenças entre os estudantes urbanos e aqueles que vivem no campo, sem discriminações, mas considerando a identidade e jeito de viver e trabalhar das pessoas, que, nem sempre se dão da mesma maneira.

2.2 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia apresentada foi analisada, através de um estudo de caso, que possibilitou um conhecimento amplo e detalhado, pois, optou-se pela pesquisa empírica com a observação participante. Nesse sentido o estudo de caso pode ser definido como:

Preserva o caráter unitário do fenômeno pesquisado. A unidade-caso é estudada como um todo, podendo ser constituído por um indivíduo, um grupo, um evento, um programa, um processo, uma comunidade, uma organização, uma instituição social ou mesmo por toda uma cultura. (GIL, 2009, p. 7)

Além da ideia de estudo de caso, temos outra particularidade temática e espacial, pois existem grandes diferenças entre a educação urbana e a educação do campo e no campo. Então, a escolha pelo estudo de caso esta amparado por estas prerrogativas temáticas.

O estudo de caso visa um acompanhamento mais detalhado das atividades desenvolvidas no campo estudado, ou seja, situa um fato, ou acontecimento, compreendendo melhor as ações e problemas encontrados. A escolha pela pesquisa escolar, considerando o recorte para a educação do campo, pois o estudo foi todo baseado em fatos reais estruturados a partir de uma prática pedagógica de vivência na escola enquanto professor e pesquisador.

Caracteriza-se por uma interação efetiva e ampla entre pesquisadores e pesquisados. Seu objetivo de estudo se constitui pela situação social e pelos problemas de naturezas diversas encontradas em tal situação. Ela busca resolver e/ou esclarecer a problemática observada, não ficando em nível de simples ativismo [...] (PRESTES, 2005, p. 25).

Os aspectos mais importantes é a relação da observação direta, do pesquisador com o universo escolar, devido á sua experiência com turmas. A pesquisa se tornou qualitativa na medida em que o pesquisador estava diretamente envolvido com a pesquisa em uma área rural na qual ele mora diretamente, pois como filho de

camponeses, também foi um estudante oriundo de escolas como o mesmo perfil em sua formação básica. O pesquisador também recorda que fez todo o ensino fundamental II e médio em escolas da zona urbana, tendo por tanto, experiência de vida nos dois tipos de escolas.

Analisou-se todo o processo de ensino-aprendizagem junto às crianças, e a relação das crianças com o professor. As entrevistas foram semiestruturadas, com perguntas abertas, dirigidas aos professores, bem como aos pais das crianças que se dispuseram a contribuir com o estudo. Estas entrevistas geram importantes trechos, em que os atores envolvidos responderam com as suas palavras, como se dá o processo de ensino-aprendizagem, as condições da escola, as motivações.

Como meios técnicos foram utilizados os registros fotográficos, tanto da escola, quanto da comunidade escolar. O recurso da imagem foi fundamental para melhor ilustrar o estudo, pois, demonstrou-se como uma ferramenta eficiente e se tratando de uma melhor exposição da realidade escolar.

3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo compreende a etapa da investigação científica, relativa ao conteúdo desenvolvido em sala de aula, pela professora, a partir da exposição de autores que trabalham teoricamente sobre o tema da supervisão escolar. Esse momento foi marcante, tanto com reflexões individuais, quanto em trabalhos de grupos.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO

Durante muitos anos as escolas rurais, hoje chamadas escolas do campo, eram marcadas pelo tradicionalismo, onde se percebia claramente que, o professor era a figura central da sala de aula, pois ele era considerado a pessoa que sabia de tudo e os alunos tinham o dever apenas de escutar e fazer apenas o que era ordenado por ele. Nas escolas rurais, a ênfase era na teoria, enquanto que a prática ficava um pouco de lado, os conteúdos não eram trabalhados de acordo com a realidade dos alunos, eles eram repassados de acordo com o que fosse imposto pelo professor.

As atividades de sala de aula, só fortalecia cada vez mais o individualismo entre os alunos e o material utilizado nas escolas, focava bastante o urbanismo e apesar de ser escola rural, o ensino era centrado na cultura urbano- industrial. Hoje em dia, é muito forte a questão da ligação escola e comunidade, a família tem total acesso à vida escolar de seus filhos.

Trabalhar em escolas localizadas no campo é uma experiência agradável por muitos aspectos, um deles é o simples fato de estarmos mais perto da natureza, isto faz bem a qualquer ser humano, no entanto, nas escolas localizadas no campo, ainda se ver crianças brincando de roda, jogando baleada ou brincando de amarelinha e sem contar que tanto os alunos quanto os pais, ainda tem respeito pelos educadores de seus filhos.

A educação no campo teve muitos avanços, e um forte aliado nesta tarefa árdua de melhorar a educação são os cursos de capacitações e de formações continuadas, oferecidos aos professores, tanto pelo Ministério da Educação e Cultura

(MEC), quanto pelas próprias entidades que financiam as escolas. Sem eles, tenho certeza de que as escolas do campo não teriam uma educação tão centrada nos valores rurais encontrados no cotidiano de cada aluno.

Mais ao longo dos tempos tem acontecido muitas mudanças e uma delas é a tecnologia, que tem se estendido em todos os espaços, e até na zona rural já se vê meninos e meninas fazendo uso das tecnologias, o lado ruim disso, é que as crianças tem se dispersado bastante fazendo uso de celulares ou de outros aparelhos eletrônicos semelhantes, pois as novidades são tão grandes que em muitos casos, elas perdem o foco nos estudos regulares.

3.2 ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ARLINDO RAMALHO

A Escola Arlindo Ramalho, localizada no município de Bananeira tem se preocupado bastante com este tema e foi pensando em solucionar esta situação da melhor maneira, que a direção, juntamente com os professores, tem organizado reuniões com os pais ou responsáveis das crianças, para orientar melhor os mesmos a lidar com estas realidades sem que a família perda seu lugar na educação das crianças e dos adolescentes.

A educação do campo é um movimento pensado na carência de pessoas que nem sempre tem o cesso ao ambiente escolar e quando tem, precisa se deslocar de muito longe para estudar e muitas, sem o incentivo da própria família, onde em alguns casos, as crianças são obrigadas a presenciarem os pais brigando, pronunciando palavras que não deveriam ser ditas perto das crianças, em algumas casas os pais chegam bêbados, e até dizem para seus filhos que estudo não tem futuro, batem nas crianças, espancam a mãe e sem falar que muitas delas não têm nem o que comer em casa.

Então aos poucos, elas vão sendo desestimuladas de tal forma, que nem sentem mais vontade de frequentarem as escolas e quando vão, é só com interesse em brincar, às vezes buscam no professor aquilo que não tem no seu lar, ou apenas vão para esperarem a hora da merenda, que nem sempre é uma merenda de boa qualidade e muitas vezes são insuficientes. Justamente por todas essas dificuldades é que se tem um índice de analfabetos tão altos nas áreas rurais.

É na escola que os professores devem fazer a diferença na vida daquelas pessoas que são tão sofridas e carentes de afeto, de educação e de atenção, pois elas não têm em casa. É no ambiente escolar que as crianças começam a ter contato com coisas que não tem em casa e é aí que os professores devem fazer a diferença na vida dos pequeninos, mostrando que o mundo não é só formado por violência, fome e nem sofrimento, mais tem outras coisas que o mundo oferta e que são coisas boas, mais para se conseguir tem que se esforçar.

As crianças em muitos casos apresentam diferenças de idade, mais em nível de estudo são obrigadas a estudar em uma mesma sala de aula, com isso, temos disparidades tanto educacionais, quanto idade certa para a série indicada (Figura 01):



Figura 01 – Turma multisseriada do 2º e 3º ano, apresentando um trabalho de língua portuguesa. Fonte: Arquivo pessoal do autor, Abril/2015.

Essa sala de aula é muito pequena e conta com dezesseis crianças. Isso dificulta outro tipo de organização da turma, que poderia ficar em círculo por exemplo. Aqui na imagem vemos uma atividade de leitura demonstrada, em que todos leem um mesmo texto de maneira conjunta. Nesse momento entendemos que a leitura foi

satisfatória e ficou demonstrado que estão preparados quanto à leitura. Porém, na turma com 16 estudantes, apenas 10 conseguem dominar a leitura.

No caso dessa turma, temos uma preocupação a mais, pois temos dois alunos do terceiro ano que ainda não dominam a leitura e isso acarreta os problemas já relatados quanto aos limites entre a educação multisseriada e o modelo de turma e idade certa.

Devido ao pequeno espaço físico da sala de aula, em muitos casos temos dificuldades para a realização de tarefas em grupo, pois as equipes acabam se espremendo umas contra as outras, pois temos que afastar as carteiras e deixar que os estudantes se agrupem para ficarem frente a frente e possam desenvolver as atividades (Figura 02):



Figura 02 – Turma multisseriada do 2º e 3º ano, em atividade de grupo. Fonte: Arquivo pessoal do autor, Abril/2015.

Nesse momento, como demonstra a imagem, as crianças se organizaram em grupos de três estudantes para o desenvolvimento de uma tarefa com recorte e colagem para o estudo sobre seres vivos, abordando os conteúdos de ciências. Como

são de séries distintas, os trabalhos são organizados a partir de um líder, que domina melhor e dois que apresentam dificuldades de leitura e compreensão.

Dentro das atividades lúdicas, existem os momentos de comemorações e datas relevantes para o projeto pedagógico que a escola desenvolve, entre as escolhas sempre se dedica um espaço para as atividades relativas aos períodos de festejos juninos, pois no mês de junho e julho é comum em todo o Nordeste brasileiro a comemoração dos dias de Santo Antônio, São João e São Pedro. Nesse período, também se valoriza em muito as atividades dos agricultores, pois existe uma tradição de produção do milho e a produção de comidas típicas derivadas desse produto. Na cultura nordestina também existem as festas que estão relacionadas ao forró, ao xaxado e quadrilhas, então aproveitamos esse período para incentivar os estudantes a conhecerem e viverem essa cultura (Figura 03):



Figura 03 – Turmas multisseriadas do turno tarde em ensaio de quadrilha junina. Fonte: Arquivo pessoal do autor, Abril/2015.

Na escola são estimuladas atividades lúdicas, entre elas aquelas em que os alunos se envolvem com datas comemorativas. Na imagem demonstrasse um ensaio para os festejos juninos. Essa é a maior sala da escola, também conhecida como “sala

mãe”, pois é um espaço mais aconchegante, com uma área maior, sala com piso cerâmico, mais iluminação e mais ventilação. Nesse local são realizadas todas as atividades extraclasses como reuniões, encontro com pais e demais projetos realizados pela escola.

Os festejos juninos são muito apreciados por todas as crianças, então aproveitamos para explorar temas que envolvam a valorização da cultura do campo, considerando o mês de junho como um dos mais importantes no calendário dos agricultores, pois quando ocorrem chuvas, os mesmos plantam suas culturas e no mês de junho na nossa região, temos muitos alimentos produzidos com o milho verde. Então as atividades de sala se voltam todas para essas temáticas do milho, do forró, da quadrilha, do milho assado, da pamonha e da canjica. Eles se envolvem com todas estas questões e sempre temos como culminância do final do semestre os festejos juninos na escola.

Em relação a atividades didáticas, também utilizamos o espaço da sala de aula para um projeto pedagógico “Feirinha Literária”, em que os estudantes escolhem um livro, que compram de maneira fictícia para a leitura extraclasses. (Figura 04):



Figura 04 – Projeto “feirinha da leitura”. Fonte: Arquivo pessoal do autor, Abril/2015.

Eles levam o livro no primeiro dia da semana e em casa fazem as leituras e anotações. Aqueles que não sabem ler pedem para um adulto ou outra pessoa que sabe. Na sexta-feira os livros são devolvidos e se procede com uma recontagem da história

3.3 ENTRE OS LIVROS DIDÁTICOS ADOTADOS E OS PROFESSORES

Os livros que eram adotados nas escolas do campo não ajudavam muito, pois falavam na grande maioria da cidade nos grandes centros urbanos. Para os pequeninos ainda era um pouco distante da realidade e pensando nisso, as editoras começaram a melhorar a qualidade dos livros didáticos para a educação do campo adaptando eles para a realidade da zona rural, ou seja, fazendo a ligação de seus conteúdos com atividades que tem no campo (Figuras 05, 06 e 07):



Figura 05 – Livro Didático adotado em 2015. Fonte: Arquivo pessoal do autor, Abril/2015.

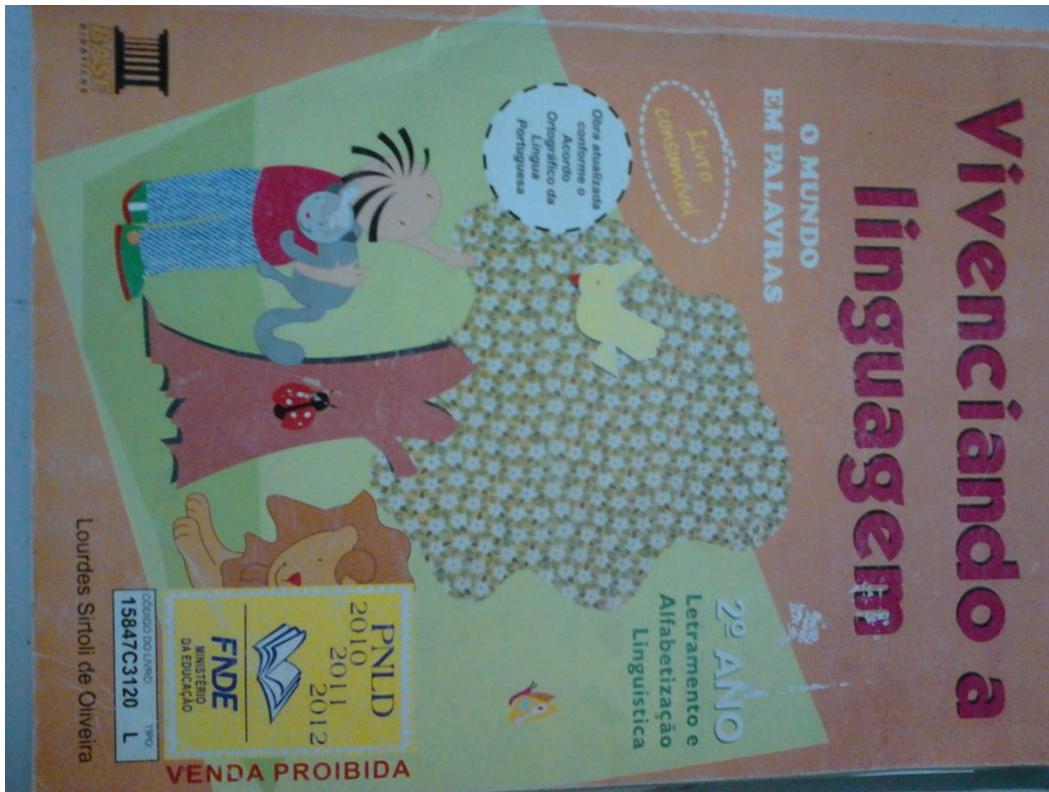


Figura 06 – Livro Didático adotado em 2012. Fonte: Arquivo pessoal do autor, Abril/2015.



Figura 07 – Livro Didático de Língua Portuguesa adotado em 2012. Fonte: Arquivo pessoal do autor, Abril/2015.

Existe uma nítida diferenciação entre os dois livros, pois o primeiro, bem mais que o segundo, já apresenta uma abordagem totalmente voltada para temas e abordagens de uma educação do campo. As questões e os exercícios bem como uma preocupação mais voltada para abordagens eminentemente do mundo rural. Essa não era uma prática comum até então, pois os livros, mesmo de boa qualidade, teoricamente e metodologicamente não estavam preparados para os estudantes que vivem no campo.

Esse exemplar de livro didático da língua portuguesa é um material de excelente qualidade mais a sua abordagem esta muito distante da realidade rural, dificultando a didática adotada pelas escolas rurais que se sentiam obrigadas a adaptarem ao material, dificultando o desenvolvimento anual das atividades.

Como demonstrado no primeiro livro apresentado (figura 05) da coleção “Girassol – Saberes e Fazeres do Campo” demonstra que essa nova geração de autores comprometidos com a educação no campo, despertam mais o interesse dos estudantes pelo assunto estudado e ao final do ano o resultado é bem satisfatório. Mais não basta apenas os livros serem modificados, é preciso que os educadores tenham um jeito novo de ensinar e para se chegar nesse nível, os educadores deve m buscar se capacitar.

A classe estudantil de nosso país precisa de pessoas comprometidas com a causa da educação de qualidade e que não se preocupe apenas em repassar conteúdos e mais conteúdos e sim em repassar aquele conteúdo que irá ajudar no desenvolvimento do educando, não apenas para tarefas que a escola lhe direcione, mais que os professores ensinemos estudantes como eles devem se comportar em uma sociedade onde está constantemente em mudanças e que a pessoa, tem que serem boas naquilo que fazem, para se obter bons resultados e assim, formarem pessoas para o mundo, pessoas para viverem em sociedade.

O educador do campo deve trabalhar no aluno a capacidade de se manter em sociedade com dignidade e como um ser social respeitado, capaz de conseguir sua independência em todos os aspectos da vida. Esse professor do campo deve se empenhar na vida do seu educando de tal forma, que ele seja capaz de ajudar até na vida de sua família, dando apoio na educação dos seus pequeninos e levando soluções para ajudar no cotidiano da família.

Dentro da pesquisa a entrevista com alguns dos professores da escola, melhor qualificou a nossa investigação, pois em muitos momentos foi possível

compreendermos de maneira crítica e também realista, o quanto a escola do campo representa elementos da complexidade mesmo que local (Quadro 01):

Quadro – 01 - Entrevista com professor Jailson Nunes, 2015.

- 1-Qua l a sua formação e experiência na área de ensino?
- 2-Quais são os objetivos que você almeja como professor nos dias atuais, em especial, na sua sala de aula na escola Arlindo Ramalho?
- 3-Que tipo de material didático você utiliza nas suas aulas?
- 4-você participa de formação continuada ou cursos de formações para professores?
- 5-Você faz usos de novas tecnologias nas suas aulas ou utiliza mais o método tradicional?
- 6-Ao preparar suas aulas, você leva em conta a formação pessoal do aluno ou você prepara mais conteúdos de formação pedagógica?
- 7-Quais as dificuldades que você tem encontrado na escola Arlindo Ramalho, tanto com os alunos como também com a equipe da escola e com sua estrutura física?

Respostas

1-Sou formado em biologia pela Universidade Vale do Acaraú: UVA e tenho pós-graduação em psicopedagogia. Já tenho 5 anos como professor do ensino fundamental I e concursado pela prefeitura municipal de Bananeiras. Já trabalhei com outras esferas de ensino, como por exemplo: a EJA e também no ensino fundamental II.

2-Acredito que não apenas eu mais a grande parte dos professores temos como objetivos formar o educando nas disciplinas que a grade curricular oferece às escolas, mais em especial, tem o grande objetivo de formar pessoas para a vida em sociedade, pois sabemos que o mundo está em constante mudança e se os nossos alunos não tiverem essa formação, eles irão ficar bem atrás de outros alunos. Não estou tirando o mérito do ler, do escrever, de interpretar textos, trabalhar as quatro operações da matemática e outros conteúdos de outras disciplinas. Ate porque esses conteúdos são essenciais. Mais tenho uma visão, além disso, tudo onde vejo meus educandos com a necessidade de ingressar futuramente no mercado de trabalho e sabemos que o aluno tem que ter conhecimentos para alcançar um bom patamar nas suas opções no mercado de trabalho.

Sem esquecer também, dos valores que eles têm como seres humanos, uma vez que esses valores estão perdendo forças frente ao comércio das drogas, da violência, do roubo, da prostituição e do desrespeito aos bons costumes da família.

3-Utilizo alguns livros didáticos que tenho em casa e alguns oferecidos pelo MEC, utilizo também a internet como forte parceira nas pesquisas diárias e sempre que eu posso trabalho a musica, a arte e outros materiais oferecidos pela escola Arlindo Ramalho.

4-Sim, estou sempre me capacitando para poder oferecer omelhor aos meus educandos utilizando como ajuda os cursos oferecidos pela prefeitura de Bananeiras e ate mesmo de outros cursos que estejam ao meu alcance. O professor que não se recicla estará fadado a ser um educador ultrapassado, frente ao globalismo que o mundo passa neste século.

5-Bom trabalho meio a meio, pois infelizmente sabemos que os livros oferecidos pelo MEC, deixam muito a desejar e procuro complementar meu trabalho com outros meios que estejam ao meu alcance, como por exemplo: a internet, onde faço pesquisas e algumas atividades que preparo também faço busca na internet.

A escola que leciono, é uma escola do campo e tem alguns livros que vem para a mesma, que retrata em sua grande maioria a realidade da cidade e assim esquecendo que este material tanto é para a cidade como também para o campo, deixando uma lacuna enorme no que diz respeito as escolas do campo.

6-Como já falei na resposta da pergunta número 2, onde descrevi alguns objetivos, eu trabalho tanto a formação pessoa, quanto a formação das disciplinas que o aluno tem que cursar durante o ano letivo.

7-Tenho encontrado muitas dificuldades na escola Arlindo Ramalho, com os alunos principalmente, as outras dificuldades eu contorno tranquilamente.

O educando da escola que leciono, vem sofrendo uma forte influência da família, onde eles são desestimulados diariamente com a presença de pais e mães agressivos, bêbados, que não participam da vida escolar dos filhos e ate dizem para eles que estudo não tem futuro, com isso se tem alunos distraídos, desinteressados, agressivos.

Em relação a escola, espaço físico é pequeno e praticamente não se tem espaço para aulas de recreação, pois ela está localizada em um terreno muito acidentado. A falta de merenda é constante e quando se tem é insuficiente para suprir a demanda da mesma.

Já as dificuldades encontradas com os companheiros de trabalho são poucas e não chegam a me preocupar.**Fonte: Arquivo do autor, 2015.**

Optamos metodologicamente por apresentar as entrevistas em quadros, com as questões e suas respostas na íntegra, garantido com isso, que o que os educadores do campo, garantam o protagonismo de suas falas, ou de suas respostas as indagações que lhes foram apresentadas. Assim segue o primeiro quadro demonstrativo dessa complexidade

O quadro 01 reflete tanto o grau de qualificação docente, quanto à experiência do professor ao longo de suas atividades docentes na escola. Aqui não existem artifícios quanto aos argumentos utilizados pelo professor para responder as diferentes questões.

A intenção com esses quadros é deixar que os questionamentos feitos e suas respostas estivessem na íntegra diretamente em sintonia com a pesquisa, para outros estudos sejam elaborados em análises mais aprofundadas. Na mesma perspectiva, seguimos com o estudo (Quadro 02):

Quadro 02 – Entrevista com a Professora Cristina Monteiro 2015

1) O que você acha dos livros didáticos adotados pela escola Arlindo Ramalho?

Para início de conversa eu quase nem utilizo este material, pois eles não condizem com a realidade dos meus educandos, sem falar que são insuficientes para a quantidade de alunos que eu tenho.

Quando os livros chegam até a escola já tem passado boa parte do ano letivo e vem em pouca quantidade, além do mais os conteúdos são muito avançados para a série que eu leciono, até porque eu ensino em uma turma muito seriada, de ensino infantil e primeiro ano do ensino fundamental e estes livros já vêm com uma estrutura para o segundo ano do ensino fundamental até mesmo terceiro ano e só aproveito algumas coisas dele.

Atualmente os livros utilizados pelas escolas do campo têm melhorado um pouco. Eles estão condizendo mais com a realidade das crianças, mais ainda falta muito para ser realmente um livro bem adequado para os alunos.

Existem alguns fatos que atrapalham bastante a qualidade dos livros didáticos enviados para as escolas, como por exemplo: as parcerias que as prefeituras tem com as editoras, deixando as mesmas sem muitas saídas para escolherem outros livros de outras editoras, uma vez que esta "parceria" deixa muito a desejar nestas escolhas dos livros, pois em alguns casos existem outros interesses que não tem nada haver com a boa educação dos alunos. Outro fator negativo é a questão do livro ser enviado para as escolas baseado no senso do ano anterior, uma vez que a quantidade de alunos de um ano para outro varia, e os livros não chegam aos seus destinos na quantidade certa. Em resumo sou professora da escola Arlindo Ramalho, localizada no município de Bananeiras à 25 anos e acredito muito que a educação será melhor, pois todos juntos contruiremos um mundo melhor. **Fonte: Arquivo do autor, 2015.**

A professora é uma das mais antigas da escola e enquanto uma das fundadoras, ela guarda uma rica experiência com o tema do livro didático o que ficou explícito em suas respostas, quando perguntada sobre o livro didático e também quando demonstra

que a escola acaba em muitos casos, se tornando refém desses materiais escolares que eram ditados de fora para dentro.

Os livros utilizados pelos alunos nos anos passados eram livros de um vocabulário muito difícil para turmas das séries iniciais e em especial, para alunos de escolas do campo, uma vez que tem alunos que nem se quer conhece a cidade na qual o sítio que ele mora pertence, e estes livros relatam muito as cidades, os bairros, as ruas e o que tem na cidade. Além de textos gigantes que os meninos não conseguiam compreender quase nada e atividades que exigiam mais do que eles conseguiam dar, "obrigando" os professores fazer isso de outros livros para poder suprir as necessidades dos educandos.

Com o passar dos anos os livros direcionados às escolas do campo se adequaram bem mais a realidade dos alunos que moram na zona rural, retratando bem mais das coisas que tem no campo, dessa forma suas atividades causa um efeito maior nos quesitos leitura, escrita, interpretação de texto e produção textual, sem falar que as crianças que forem trabalhar com este material terão mais prazer em ter um material que retrate sua realidade, mais ainda falta muito para esse tipo de material ser considerado como um recurso adequado para a educação do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de feito o trabalho, consideramos que foi possível analisar a educação no campo, a partir de estudo de caso sobre Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Ramalho/Bananeira-PB. Considerando que existiram muitas dificuldades para a realização do estudo, mais que, ao final consideramos que atingimos os resultados esperados.

Esta escolha se deu em função de quase uma década em que o pesquisador mora e trabalha, se dedicando ao processo de ensino aprendizagem para crianças filhas de agricultores da comunidade conhecida como Roma de Baixo, povoado que faz parte do Distrito de Roma, localizado a nove quilômetros da Sede da cidade de Bananeiras. Nessa perspectiva entendemos que de fato foi feito um estudo de caso, em que o autor é também um dos protagonistas desse processo educacional local.

Na pesquisa foi preciso identificar as condições estruturais da escola; observar o desenvolvimento das atividades pedagógicas do cotidiano escolar; estudar as condições de vida dos estudantes como filhos de camponeses e/ou trabalhadores rurais. Nesse aspecto vale salientar as dificuldades e limitações tanto materiais quanto pedagógicas representadas pela escola, bem como, pelos pais e familiares dos estudantes, que possuem poucas condições materiais e educacionais para melhor atender aos anseios dos filhos.

Conseguimos diagnosticar o processo de ensino aprendizagem, considerando que a escola desenvolve um sistema de ensino multiseriado para as turmas que são do ensino infantil ao quinto ano. Esse pode ser considerado um dos modelos de educação mais atrasados e complexos, pois somos obrigados a misturar turmas de segundo ano, com alunos de terceiro ano em uma mesma sala, isso apenas como exemplos, pois ocorre em todos os anos do ensino fundamental I.

O ensino multiseriado em nada contribui para a formação dos professores, além de representarem elevado grau de dificuldades didáticas e pedagógicas para os professores, pois existe uma nítida diferença de idades entre os estudantes e em muitos casos os estudantes que deveriam estar em anos mais adiantados, em muitos casos apresentam mais déficit de aprendizagem do que aqueles que estão na idade correta. Isso contribui para atrapalhar e as vezes até dificultar a aprendizagem dos que estão na idade certa.

Quanto a metodologia consideramos que foi adequada para o estudo, pois consistiu em uma pesquisa qualitativa, com observação participante e estudo empírico, por se tratar de uma investigação na qual, o autor esteve diretamente envolvido como professor da escola há mais de oito anos. Em meio aos processo de pesquisa, foi fundamental observarmos a escola com os olhos e ouvidos de pesquisador, pois houve um pequeno afastamento da situação apenas do ser professor, então foi possível abordar os demais professores e escolher entre os vários entrevistados, aqueles que melhor expuseram as suas preocupações, tanto em relação a sala de aula, quanto em relação aos materiais adotados pela escola.

O estudo comprova que existem grandes dificuldades em se trabalhar com turmas multiseriadas em um contexto escolar da zona rural, pois as diferentes faixas de idade e os níveis de aprendizagem atrapalham o desempenho geral dos indivíduos. Mesmo assim, o trabalho é feito e a escola vai sobrevivendo, se reciclando em seus quadros docentes e desenvolvendo a sua missão de educar os filhos dos camponeses da região.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 5. Ed. – Brasília: Câmara dos deputados, coordenação. Edições, câmara, 2010.

MEC/BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de educação. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Brasília/DF, 2001.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, P.; CALDART, R. S. **Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo**. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. Por uma Educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Luiz Carlos. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papirus, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

KRAMER, Sônia. **Infância e sociedade: o conceito de infância**: Concepção atual de Infância. In: Curso de Pedagogia, 2007.

_____, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Curso de Pedagogia, 2012 (196/198).

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do Conhecimento Científico: Do Planejamento dos testes, da escola academia**. 3ª Ed. Atual e ampl. São Paulo: Rêspel, 2005.

TELES, Maria Luíza S. Maria Luíza S. **A escola como instituição social**. In: Curso de pedagogia, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão. Revisão técnica José CerchiFusari, - 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicas).